

Barraco novo todo dia na invasão do Onoyama

Cristina Ávila

Da equipe do **Correio**

A invasão do Parque Saburo Onoyama continua crescendo. Os moradores não chegaram nem mesmo a ser notificados pela Administração Regional de Taguatinga. São tantos, que a operação para remoção precisa ser planejada em conjunto com o Governo do Distrito Federal.

Essa invasão está entre as três maiores de Taguatinga. Pelo menos até o dia 21 de janeiro, quando os fiscais da administração fizeram o levantamento de moradores. Eram 415 barracos, 1.132 habitantes. O número não é mais o mesmo.

Provavelmente essa seja a massa humana mais pobre do Distrito Federal. Em outras invasões, a pobreza é evidente, a poeira encarde as pessoas. Mas no Saburo Onoyama a miséria é maior. Pessoas doentes circulam entre os casebres no meio do lixo, crianças desnutridas, entre os alcoólatras que estão por toda a parte.

Francisco Alves da Silva, 44 anos, diz que é o primeiro invasor da Onoyama. Ele conta que tirou seu título de eleitor em 1993, e já morava lá. "Os barracos crescem para todos os lados. A gente não pode dar jeito. O governo já pediu pra gente controlar, mas a gente não pode fazer isso. Do final do ano pra cá, deve ter uns 30 barracos a mais. Acho que tem umas 1.500 pessoas na invasão", calcula.

O último emprego de Francisco foi há dois anos, como porteiro de prédio. Ele diz que está desempregado, mas pensaria duas vezes antes de aceitar uma proposta de trabalho. A mulher dele está empregada e ele não pode se afastar do barraco. "Vivo pra proteger minha mulher e minha filha, é uma mocinha de 15 anos. Aqui ninguém confia em ninguém. Somos uma família unida, conheci minha mulher em 82 e estou com ela até hoje. Aqui é um lugar muito triste, muito ruim. Se virar as costas, roubam tudo dentro de casa", conta.

Na invasão as pessoas furtam até os adesivos com a numeração dos barracos, fornecida pela administração regional. Antônio Carlos Alves de Almeida, 39 anos, mostra onde guarda o seu. Colado em um livro infantil sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos. "Se deixar na parede, levam", justifica.

A vizinha dele, Rogéria da Silva Ferreira, que lava e passa roupas para os moradores da invasão, em troca de alguns Reais ou comida, também guarda o seu documento bem escondido. Eles acreditam que o adesivo seja a garantia de sua permanência na invasão. Ou de assentamento em outro lugar.

Apesar de afirmar que mora na Onoyama há muito tempo, o barraco de Antonio Carlos fica em uma área onde os vizinhos dizem que estão muitos dos novos invasores. O adesivo da administração regional tem o registro da data em que os fiscais estiveram lá, dia 21 de janeiro.

Uma mulher que não quis se identificar contou que a invasão recentemente foi ocupada por pessoas que moravam em baixo da ponte entre Taguatinga e Samambaia. "Eles tentaram, mas a administração derrubou o barraco", desconversa.

O administrador regional, Valdemar da Silva Aguiar, garante que os moradores antigos não serão retirados. Pelo menos por enquanto. Mas ele não vai permitir a presença dos novos. "Vamos voltar ao Onoyama com a fiscalização neste sábado (hoje). Mas a solução definitiva para a invasão somente será definida em planejamento conjunto com outros órgãos do governo."

Valdemar da Silva Aguiar explica que é muito grande o número de pessoas que moram na invasão. "Há moradores muito antigos. E esses precisam de um tratamento diferenciado. Não podemos simplesmente deixá-los na rua. Os novos, não, esses voltam para onde estavam."

O administrador ainda disse que as derrubadas menores já foram feitas em conjunto com a Terracap e SiviSolo. Ele citou como exemplo a retirada de invasores na área reservada para o Tagua Park, na última quinta-feira. De acordo com o levantamento da administração regional, de janeiro, as invasões onde existem mais barracos são da Vila São José e da QS 11, com 500 casebres em cada uma. Essa pesquisa aponta que existem 1.604 barracos em Taguatinga.